



## NOSSO COTIDIANO

Essa semana vi uma cena que me marcou bastante, ao sair de uma reunião com amigos num escritório da cidade fui buscar o carro que estava no estacionamento de um supermercado, ao lado do local onde eu estava, e vi uma pessoa, um homem, se é que ele ainda se considera assim. Estava muito frio naquele dia, e aquele homem estava lá, deitado na calçada, em cima apenas de um pedaço de papelão, sobre ele apenas uma coberta bem fina, ou como diz minha mãe, uma “seca-poço”, ao seu lado havia uma marmita, na verdade era um daqueles potes que vem com sorvete, fiquei imaginando o que haveria ali para aquele pobre homem comer.

O mais estranho deste encontro é que não foi como das outras vezes em que vi pessoas extremamente pobres, que passam fome ou outras necessidades, das outras vezes eu me colocava no lugar dessas pessoas e me sentia abandonada pelo mundo, sentia pena destas pessoas, mas dessa vez não foi assim. Dessa vez eu senti culpa.

Eu estava ali, pronta para pegar meu carro, nem vento no rosto eu ia sentir para ir pra casa: estava bem vestida, no sentido de que minha roupa era suficiente para não passar frio; Iria para minha casa, que não é minha, é alugada, mas que eu posso pagar para morar; Iria deitar no meu sofá, ligar a tv, comer alguma coisa quentinha, me cobrir com uma boa coberta; depois eu dormiria numa cama macia, sem nem ao menos passar frio, e no outro dia ainda ia reclamar no momento em que o despertador tocasse e eu tivesse que me levantar para ir trabalhar.

Porém, aquele homem não. Se ele passasse frio, e já estava passando, ele não poderia fazer nada, teria que agüentar. De repente, algum outro morador de rua ainda poderia vir até ele e brigar por aquele mísero cobertor, e quem sabe até tomar dele. No outro dia, bem cedo, ele já iria despertar com o barulho da rua, com o claro do dia, se é que ele conseguiu dormir apesar do frio. Ele não teria onde lavar o rosto, onde escovar os dentes, não teria um outro agasalho para se abrigar do frio, não teria nem o que comer e nem ao menos um café quente para se esquentar.

Me senti culpada, porque eu e outras pessoas nos preocupamos tanto em comprar coisas que nem sempre nos são úteis, gastamos nosso dinheiro apenas nos preocupando com nossos próprios desejos, perdemos nosso tempo assistindo tv, pensando em como pagar as contas, pensando somente em nosso próprios problemas e nada fazemos para ajudar essas pessoas que são humanos como nós, que fazem parte deste mundo e que são donos deles tanto quanto nós. Eles também tem vida, tem sentimentos.

É claro que muitos deles não querem ajuda, que acabam com tudo o que ganham de pessoas bondosas por aí, porém muitos deles não têm uma nova oportunidade de levarem uma vida digna, são discriminados e condenados a viver assim, na clandestinidade para sempre, sem casa, sem família, sem nome.

E aquele homem ficou lá, na calçada. E você e eu estamos aqui, vivendo nossas vidas normalmente, nosso cotidiano.

Denise Ferreira Chimirri

27.07.2007